

## **A alternância /d/, /l/ e /r/ em variedades linguísticas afrolatinas**

Laura Álvarez López  
Universidade de Estocolmo

– Si ron romingo gana, yo mejoro.  
– ¿Y cómo va usted a mejorar – le preguntó alguien – si usted es su adversario?  
– No mejoro de mejorar...  
(Tejeira 1964: 17, citado em Lipski 2007: 99)

Este trabalho é uma análise da alternância entre /l/, /r/ e /d/ na linguagem de comunidades latino-americanas de forte presença africana ou afrodescendente. Os dados examinados provêm de uma série de estudos linguísticos anteriores e fontes literárias em espanhol e em português que incluem representações da fala de africanos e seus descendentes. Duas perguntas norteiam o presente estudo: Quais são os fonemas que se “confundem” e em que posições? Até que ponto a “confusão” é frequente nas variedades em questão? A partir destas perguntas discutem-se explicações para esta mudança baseadas em dados que apontam seja para a deriva ou evolução natural das variedades ibéricas, seja para o contato entre línguas ibéricas e africanas. A análise dos dados revela que alguns destes fonemas são trocados de forma sistemática em posições específicas unicamente em variedades de espanhol e português que evoluíram em contato com línguas africanas.

**Palavras-chave:** português afrobrasileiro, variedades afro-hispânicas, influência africana, alternância de líquidas.

### **1. Introdução**

O objetivo do presente artigo é trazer para a discussão a alternância entre /l/, /r/ e /d/ na linguagem de comunidades de forte presença africana ou afrodescendente em regiões da América Latina onde as línguas atualmente faladas são o português e o espanhol.

Há exemplos ibéricos dessa confusão tanto na representação da fala de negros na obra de Gil Vicente como em representações da maneira de falar de personagens negros e escravos no Brasil a partir do século XIX (cf. Alkmim 2006). O mesmo fenômeno aparece nas representações da “fala de negros” do teatro espanhol a partir do século XV e se tornou comum em variedades afro-

hispânicas na América Latina no final do século XVII, com a entrada de grandes contingentes de falantes de línguas da família banto (Lipski 2005: 241; Santos Morillo 2010).

Conforme Lipski, quando a maioria das ocorrências de neutralização de líquidas e/ou alternância com /d/ estão em posição intervocálica ou em grupos iniciais de sílaba, é possível interpretar a mudança como o reflexo de um substrato banto (Lipski 1998: 289; 2005). Por outro lado, autores como Révah (1963: 447) e Naro e Scherre (2007: 126-127) afirmam que traços que alguns estudiosos percebem como resultado do contato com línguas africanas, muitas vezes são arcaísmos ou variedades dialetais atualmente ou antigamente encontradas na Europa.

Um dos problemas com que se deparam os lingüistas cujo objeto de estudos consiste nos traços lingüísticos característicos da fala de africanos escravizados levados para a América Latina (e seus descendentes) é a falta de fontes (Álvarez López 2008). No Brasil, por exemplo, é praticamente impossível encontrar registros da fala de negros e escravos anteriores ao século XIX. Dado que as fontes disponíveis são bastante escassas, torna-se essencial o aproveitamento de todos os registros existentes, inclusive representações escritas da fala desses grupos – sejam estes exageros, estereótipos ou representações cuidadosas da oralidade por meio de recursos utilizados por autores que procuram refletir modalidades de fala divergentes da linguagem considerada normativa.

Tendo em conta essa realidade, considera-se aqui conveniente contrastar os dados empíricos e resultados obtidos a partir de uma série de fontes, provenientes de um conjunto limitado de espaços geográficos e momentos históricos, que parecem refletir a realidade lingüística afrolatina de forma adequada. Partindo desses dados, disponíveis em representações literárias da fala de africanos e seus descendentes assim como em estudos lingüísticos, discutem-se duas questões:

- Quais são os fonemas que se “confundem” e em que posições?
- Até que ponto a “confusão” é frequente nas variedades em questão?

Com estas perguntas, procuram-se argumentos que possam apoiar ou descartar explicações baseadas no contato entre línguas ibéricas e africanas, tendo em conta a complexidade dos contextos sociolingüísticos em questão, onde falantes de diversas línguas africanas aprendiam as línguas ibéricas sem

instrução formal.

Apresentam-se, a seguir, as discussões de estudos anteriores sobre este tema, tanto na área das línguas ibéricas como na das línguas africanas consideradas relevantes. Dados relativos a uma série de variedades linguísticas afro-ibéricas serão integrados na análise e contrastados com exemplos de línguas crioulas de base lexical portuguesa e espanhola com substratos africanos, mudanças observadas em empréstimos lexicais de origem portuguesa em línguas africanas assim como dados do espanhol falado como L2 na Guiné Equatorial. Os resultados revelam que há uma troca sistemática dos fonemas em questão em posições específicas.

## 2. Estudos anteriores

Considerando o grupo das consoantes apicais, pode-se dizer que a alternância entre /l ~ d ~ n ~ r ~ Ø/ já foi observada tanto em variedades peninsulares como americanas de espanhol e português (Entwistle 1962: 222; Megenney 1999: 172).

### 2.1 /l/, /r/, e /d/ em variedades de português e espanhol

A neutralização das líquidas /l/ e /r/ tem sido registrada, sobretudo em posição final de sílaba, em diferentes momentos históricos, tanto em representações literárias da fala de personagens negros como em variedades regionais iberorromânicas na Europa e na América Latina. Cabe notar que a alternância na direção /r/ > /n/ e /l/ > /n/ não se destaca nas fontes consultadas e não parece ser uma característica específica de áreas latino-americanas denominadas “afro-ibéricas” (Megenney 1999: 167-169).

Com relação à troca entre /d/ e /r/, Alkmim (2006), que analisa representações da fala de escravos em obras literárias portuguesas e brasileiras, constata que a tendência é que só os indivíduos que são categorizados como africanos, isto é, os que falam português como L2, “trocam” /d/ > /r/ como em *diabo > riabo*. Há exemplos semelhantes de /d/ > /r/ em variedades de espanhol L2 na Guiné Equatorial (Lipski 2005: 222). No entanto, o caso contrário, ou seja, /r/ > /d/ só foi documentado até hoje em um número limitado de variedades afro-ibéricas (Lipski 2007: 94).

No caso de /d/ > /l/ e /l/ > /d/, Granda aponta para as línguas da família banto, fornecendo exemplos do crioulo do Palenque de San Basílio na

Colômbia e menciona ainda que, na adaptação de itens lexicais de origem europeia ao quicongo, existe uma regra que condiciona essa mudança: /l/ > /d/ antes de /i/ e /d/ > /l/ antes de todas as outras vogais (Granda, 1994: 416). Porém, a regra não se adapta completamente a todos os exemplos que aparecem nas fontes latino-americanas consultadas.

Vários estudos anteriores mostram que nos casos em que o /l/ é substituído por um /r/ em posição *inicial*, a vibrante deve ser interpretada como um [r] “brando” ou tepe alveolar, o que não se adapta às regras vigentes nas línguas iberorromânicas no que diz respeito à pronúncia da vibrante inicial de sílaba em posição inicial de palavra, onde varia estilisticamente entre vibrante múltiple, tepe e fricativa, ou a pronúncia do /r/ múltiple (ou a sua variante fricativa) em posição interna, intervocálica. Nestes casos, na língua padrão, a consoante vibrante é grafada como ‘r’ simples em início de palavra e como ‘rr’ em posição intervocálica. Teyssier (1959: 246) afirma, com relação à pronúncia dos personagens descritos como “negros” na obra de Gil Vicente, que nos casos em que o /r/ substitui o /d/ em início de palavra a pronúncia é a de um [r] “brando”. O autor se apóia em exemplos de troca de [r] “forte” intervocálico para [r] “brando” como *terra* > *tera*. Os dados sincrônicos do português brasileiro ilustram a mesma pronúncia [r] no caso do vocábulo de origem africana *riamba* (marihuana) com suas variantes *liamba/aliamba/diambal* (Castro, 2001). Nos crioulos de base lexical portuguesa de Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Casamança temos exemplos como *barrete* > *barete/bareti*, *barriga* > *bariga* e *barril* > *baril* (Rougé 2004). Estes últimos exemplos em línguas sem substrato banto mostram que o fenômeno não se limita às áreas de presença banto (sobre os substratos dos crioulos em questão ver Batista 2006: 93; Parkvall 2000: 133).

Há exemplos semelhantes da mudança [r] > [r] em variedades de espanhol. Álvarez Nazario (1961) chegou à mesma conclusão que Teyssier (1959) ao estudar representações da fala de “negros boçais”:

El estudio de los documentos puertorriqueños del XIX que retratan el habla característica del negro bozal pone de manifiesto, con las grafías *becero*, *cachoro*, *guera*, *coría*, *curía* ‘corría’, *Moro* ‘Morro’, que el antiguo esclavo tenía dificultad para imitar el sonido castellano de *rr* vibrante, ajeno a la fonética de las lenguas africanas, y en su lugar pronunciaría *r* de tipo probablemente fricativo, parecida en su articulación al sonido alveolar de *d* con el que suele confundirse frecuentemente en las hablas del continente negro. (...) Los dramaturgos españoles observaron también el mismo tropiezo del negro con la *rr* española y lo representaron por escrito con tales formas como *bariga*, *core*, *beçero*, *tera* ‘tierra’. Igualmente en el Río de la Plata: *caro* ‘carro’, *mashamora* ‘mazamorra’. (Álvarez Nazario 1961: 138-139).

Lipski (1988: 51), por seu lado, menciona que a neutralização de [r] e [r̄] ocorre em palenquero, no falar da comunidade “congo” no Panamá e em zonas de diglossia espanhol/línguas indígenas. O mesmo autor explica que o espanhol guineano só possui a vibrante simples (Lipski 1988: 57).

## 2.2 /l/, /r/, e /d/ em línguas africanas

O número de línguas africanas das regiões de origem dos africanos escravizados e levados à América Latina é significativo – só no Brasil se afirma que houve falantes de umas 40-50 línguas da área oeste-africana e da área austral (Bonvini 2007). No entanto, destaca-se aqui apenas um número limitado de línguas mencionadas em estudos anteriores como fontes de vocábulos de origem africana em várias regiões da América Latina: variedades arcaicas do iorubá, do gbe (fon, ewe) e de línguas da família banto.

Há “confusão” entre /l/, /r/ e /d/ nessas línguas? Conforme Lipski, na maioria das línguas oeste-africanas se faz distinção entre /r/ e /l/ (Lipski 2005: 217). Em iorubá /d/ /r/ e /l/ são fonemas diferentes que soam como em inglês e nunca aparecem em final de sílaba (Bowen 1848). Na área dos gbe-falantes, existe variação livre entre /l/ e /r/ e em algumas variedades o /r/ parece ter entrado na língua com os empréstimos do inglês (Capo 1991:48; Lefebvre e Brousseau 2002: 16; Parkvall 2000: 36). Um dos etnônimos dessa mesma área ilustra a confusão: o termo *alada*, que significa “pessoa proveniente do reino de Allada”, aparece igualmente como *lada/arada/rada/ardra* nas Américas (Parès, 2006: 47). Em Cuba, Fernando Ortiz (1990: 33-35) registrou o mesmo termo como *arará*.

Em quicongo o fonema /r/ não consta nas fontes do século XIX e começos do século XX, com exceção do caso de empréstimos de línguas europeias (Laman 1912, Bentley 1887). Com relação ao quimbundo, Chatelain comenta a presença do /r/ da seguinte maneira: “O ri que em Loanda sôa quasi como em portuguez, sôa no sertão como di (em umbundu: li). A mesma diferença na pronúncia de ri e di dá-se no Congo entre o dialecto da costa e o do planalto de S. Salvador” (Chatelain 1888-89: 151). O fonema /r/ aparece igualmente no prefixo “Ri” na gramática de quimbundo de Pedro Dias (1697), mas já não figura na lista de fonemas fornecida por Mingas (2000) para o quimbundo moderno na região de Luanda.

Meinhof (1932), que estudou a fonologia das línguas da família banto em geral, afirma que é difícil distinguir os fonemas em questão e confirma a variação na pronúncia:

In Bantu it is often very difficult to distinguish tremulants (*r*-sounds) from similar sounds without tremulation, as the pronunciation varies greatly. It is therefore advisable to regard the tremulatory character of such sounds, which generally seems important to Europeans, as a secondary matter and to write with *r* only the sounds with strong aspiration and tremulation. The most important things about the *l*-sounds is the voicing and they are on that account classed as vowels by some phoneticians, and do indeed easily become vowels. But in Bantu they are as a rule accompanied by slight fricative sounds of a lateral or palatal nature. Sometimes a kind of half-plosive sound occurs, akin to *l*, but also to *d* and *r*, and which must still be more closely investigated. This fluctuation between *l*, *r* and *d* gives the beginner a good deal of trouble, especially in the pronunciation of the same individual often seems to vary. (Meinhof 1932:9).

No que diz respeito ao quimbundo, Johnson (1930: 18) descreve a confusão entre as consoantes em questão da seguinte maneira:

*D*, except when followed by *i* and the semi-vowel *y*, is pronounced much as in English and Portuguese, though less palatal. It does not occur *initially*, except with a nasal (*n*) and in foreign names (*Davi*, *David*, *Donana*, *Anna*, etc.).

In the combination *d + i*, or *d + y* (*dikanu*, *kudya*), the *d* is influenced by regressive mutation (umlaut) and represents a peculiar sound which has no exact parallel in the standard Romanic or German dialects, partaking of the quality of *r* or *l* with us. It has four or five variations among the different tribes and has been variously represented by western writers, *l*, *r* or *d*, being used to approximate this sound. For the Loanda dialect it has always been represented by *r*, and sounds to some western ears much like *r*. [Note 24: To me this *d* in the Loanda dialect has not a distinct *r*-sound. The sound in those instances represented by Chatelain and Matta as *r* is to my mind more like *d* than this sound in similar positions in interior dialects like *Mbangala*, etc.]. However, in the *Mbaka* and other interior dialects it sounds more like *d*, and has been so written by H. C. White (who has spent nearly forty years among the people), Chatelain and others.

In some sections among the *Mosongo* (*Musongu*), especially in *Musolo* this *r*-, or *d*-, sound partakes of *l*. This *l* (or *rl*, *dl*) has a strong resemblance to the so called *l* in Västergötland, Värmland and other dialects of Swedish, a sound often impossible for a stranger to acquire. (...)

In some cases the *l* almost entirely predominates initially also in some districts of Loanda and Malange, where this *l*- or *rl*-sound occurs (*li*, *rli*). In other cases, as an initial sound, it partakes more of *d* than *l*, with a slight suggestion of *r* (*rd*, *dr*).

In many instances of the *Mbangala* dialects the sound (*r*, *d*, or *l*, before *i*, *y*) approaches *d*, as stated above, and sounds like a pure *d* to many ears (which, however, it is not). Internally this *d* (*rd*) often changes to *r* (*dr*, *rd*) with the *r*-sound predominating. Thus *dimba*, *marimba* (*madimba*).

In the Malange district *d* changes to *l* before *i* in the conjugations, where the final *a* becomes *i*, through the influence of an *i* in the preceding syllable. (Johnson 1930: 18-19).

Johnson (1930) descreve um sistema variável, apontando diferenças significativas no que diz respeito à qualidade dos sons nas línguas europeias

por um lado e uma gama de variedades de quimbundo pelo outro. Este autor deixa entender que a direção da troca de consoantes pode ser condicionada pela sua posição, pelas vogais que seguem ou pelas características e regras de cada dialeto.

Ao estudar a obra de Lazslo Magyar sobre o umbundo do século XIX, Fodor (1983) problematiza o fato de os estudiosos de línguas africanas nesse século (fontes utilizadas por linguistas hoje), nem sempre utilizarem a mesma grafia para /r/ e /l/:

In contemporary standard Umbundu only *l* is attested. Silva Maia (1954: 10) concedes an initial and medial *l* in the southern Mussele dialect as a facultative variant of equal rank with *r*. Yet *r* occurs along with *l* in all sources before the 20th century, although a comparison of the same data shows that the occurrences of *l* and *r* do not agree in all cases. Sometimes *l* is written in ML and in the contemporary sources, while the corresponding data of the other records are written with *r*, and in many other cases ML differs from the modern vocabularies while they agree with most older ones. [nota 55 cita Stover -1885 *Observations upon the Grammatical Structure and the Use of the Umbundu or the Language of the Inhabitants of Bailandu and Bihe, and Other Countries of West Central Africa*. Boston: Todd.- “In Stover’s imperfect phonetic description (1885:3) we read that there was one liquid sound “softer” than English *l*, or a “soft” *r* formed with the middle of the tongue”] (...)

There is no doubt about the fact that before the 20th century both *l* and *r* belonged to the phonetic stock of Umbundu and were to be found in most dialects. The question is whether they were separate phonemes or not. According to C-I (1881: 377) *ri* and *li* are “indistinguishably pronounced”. (...)

From the above data we cannot surmise a phonetic opposition between *l* and *r* in the 19th century. Presumably, at that time there were variants of the same phoneme with different functional loads. Later they were merged into a common *l* phoneme after the rolling of *r* had gradually been lost in most dialects. Meinhof (1910: 28, 1932:33) postulated that the hypothetical Proto-Bantu *l* had split into two variants and then the two sounds had merged again. In Herero, on the other hand, the original *l* turned into *r*. [Note 57 According to Hahn (1857:4) *l* occurred in loanwords in the northern dialects. Cf. Also Meinhof (1909: IV)]. (Fodor 1983: 95-96).

Fodor (1983) mostra que a percepção dos fonemas por parte dos estudiosos é divergente, o que complica a análise dos registros escritos por diferentes autores em diferentes épocas e regiões. Esta fonte ressalta o fato de ter havido uma evolução das líquidas em umbundo entre os séculos XIX e XX.

A fim de cobrir ainda um espaço onde falantes de línguas românicas conviveram com falantes de línguas africanas, é necessário considerar o contato lingüístico “na própria África, onde línguas africanas se apropriaram de termos do português readaptando-os às regras fonológicas e morfológicas específicas de cada língua envolvida” (Bonvini 2007: 102). Laman, por

exemplo, não inclui o /r/ dentre as consoantes enumeradas para o quicongo, mas só dá exemplos de empréstimos de línguas europeias como Cristo>*Kristus/Klisto* (Laman 1912: 10), ou seja, nestes casos o /r/ entra com o português.

Observações com relação às palavras de origem portuguesa em quicongo mostram que a substituição de /l/ por /d/ é comum antes da vogal /i/ (como nas línguas da família banto em geral), o que também acontece com palavras de origem portuguesa em quicongo (Laman 1912: 16; Lipski 2007: 105). Em quimbundo é possível observar o mesmo processo em empréstimos lexicais de origem portuguesa: limão>*dimãu* (em quicongo *dimau*, Maia 1964). Granda também menciona que, na adaptação de vocábulos europeus ao quicongo existe uma regra que condiciona a mudança /l/ > /d/ antes de /i/ e /d/ > /l/ antes de todas as outras vogais (Granda, 1994: 416). Laman, por seu lado, afirma que em quicongo o /l/ muda para /d/ antes de /i/ em todos os sufixos (como na forma verbal *sumbila*>*sumbidi*), mas observa ainda que /l/ se transforma em /d/ também em outros casos, dependendo do dialeto (Laman 1912: 16).

A questão é se a “confusão” nas línguas africanas acima discutidas explica a troca /l/, /r/ e /d/ observada em variedades afrolatinas. Os itens lexicais de origem românica registrados por Bal (1964) em um dialeto da língua quicongo e Johnson (1930) no quimbundo servirão, neste estudo, para comparar e ilustrar a confusão de líquidas e /d/. Da mesma forma, serão utilizados exemplos de vocábulos de origem africana presentes em crioulos africanos de base lexical portuguesa na África, já que os dados africanos refletem, sem dúvida nenhuma, o resultado do contato entre línguas africanas e ibéricas.

### **2.3 /l/, /r/, e /d/ em crioulos de base lexical portuguesa na África**

Conforme Rougé (2004: 21, 24-27), os crioulos da Ilha de Santiago (Cabo Verde), da Guiné-Bissau e da Casamança (Senegal), o lung’ie (ou principense, de Príncipe) e o angolar (de São Tomé) possuem lateral /l/ e vibrante /r/, enquanto o forro (ou são-tomense, São Tomé) carece de vibrantes. No angolar destaca-se a alternância /r/ e /d/ (Rougé, 2004: 26).

O contato dos crioulos com outras línguas é relevante nesta discussão. Ferraz explica, com relação ao são-tomense, que o contato com a língua portuguesa afeta a pronúncia dos róticos (Ferraz 1979: 37; cf. Clements 2010). No que diz respeito às consoantes no Lung’ie, Hagemeyer (2009:10) afirma que “o Lung’ie possui vibrantes simples. Estas são fonológicas em Edo (e em Português), mas atípicas nos demais crioulos e em Bantu”.



Um estudo sobre as líquidas nos crioulos da Guiné ressalta que há grupos consonânticos ‘líquida+consoante’ e ‘consoante+líquida’ nos quatro crioulos de base lexical portuguesa do Golfo da Guiné (Ferraz 1987). O autor descarta uma explicação pelo contato com línguas da família banto, que em geral carecem desses grupos e afirma que o ewe e o são-tomense têm grupos de ‘consoante+líquida’ (nos quais /l/ e /r/ estão em distribuição complementar, que depende da consoante que precede a líquida, ou seja, do contexto fônico) mas que ambas as línguas carecem de grupos ‘líquida + consoante’ (Ferraz 1987: 295). A forte presença de grupos ‘consoante+líquida’ em português (língua com a qual os falantes de são-tomense convivem) parece ser um fator que contribui para a formação de tais estruturas no são-tomense (Ferraz 1987; cf. Rougé e Schang, 2006). Ferraz ainda propõe uma regra segundo a qual as líquidas que seguem uma vogal tônica e precedem uma consoante passam para posição inicial de palavra como em: arder > *lede* (Ferraz, 1987: 291).

Todos estes estudos confirmam a relevância da especificidade de múltiplas situações de contato (inclusive o contato atual com línguas europeias na África, como no caso do são-tomense), da posição das consoantes e do contexto fônico para o presente estudo.

### **3. /d/, /l/ e /r/ em variedades afrolatinas**

Apresenta-se, na Tabela 1, um panorama completo das alternâncias observadas a partir da análise do conjunto de fontes utilizadas. A tabela sistematiza os dados relativos a variedades europeias e americanas de português e espanhol. Foram utilizadas todas as fontes encontradas e consideradas relevantes no decorrer de um levantamento bibliográfico exaustivo. Os resultados foram organizados a partir da direção da troca das consoantes em questão e separados por continente. A tabela não inclui o número de ocorrências verificadas para cada unidade de análise, mas a frequência das ocorrências em fontes diversas será comentada na discussão a seguir.

A sistematização dos dados sugere uma divisão entre variedades europeias e latino-americanas, destacando-se a posição inicial de palavra e a posição intervocálica. Note-se que não há diferenças entre a Europa e a América Latina na posição final de sílaba e de palavra (fora um exemplo isolado na Andaluzia de /d/ > /l/ em coda silábica). Além disso, a qualidade (surda ou sonora) das consoantes que seguem as líquidas nos grupos consonânticos não parece afetar a troca e não será, portanto, discutida (cf.

Costa 2007).

**Tabela 1** Presença da troca de diferentes fonemas conforme a direção da troca e a posição de cada fonema em variedades europeias e latino-americanas.

		l>r	r>l	d>r	r>d	l>d	d>l
<b>América Latina</b>	Inicial	X	X	X		X Brasil	X
	Inter-vocálica	X	X	X	X		X
	Coda	X	X				
	Final	X	X				
	Grupo cons. (+surda)	X	X				
	Grupo cons. (+sonora)	X	X				
<b>Europa</b>							
	Inicial	X 'negro'		X 'negro'			X 'negro'
	Inter-vocálica	X 'negro'	X	X			X
	Coda	X	X				X
	Final	X	X				
	Grupo cons. (+surda)	X	X				
	Grupo cons. (+sonora)	X	X				

Nos dados latino-americanos verifica-se que /l/ > /d/ aparece unicamente no Brasil e que /r/ > /d/ só foi registrada em variedades de espanhol americano e nunca aparece em posição inicial de palavra.

Nos dados peninsulares a troca /r/ > /d/ e /l/ > /d/ está ausente. Vê-se ainda que /r/ > /l/ não ocorre em posição inicial de palavra. As mudanças /l/ > /r/,

/d/ > /r/ e /d/ > /l/ são as únicas que ocorrem em posição inicial de palavra, mas só na fala de personagens “negros” na literatura (ver Alkmim 2006; Santos Morillo 2010). Na posição intervocálica, também a troca /l/ > /r/ se limita à “fala de negros” no corpus europeu.

### 3.1 /l/ > /r/ em variedades afrolatinas

A troca /l/ > /r/, também chamada *rotacismo*, aparece em estudos linguísticos e representações literárias de variedades de português e espanhol de várias regiões geográficas e momentos históricos. Uma série de estudos anteriores mostra que o fenômeno ocorre com frequência em posição final de sílaba e quando a lateral /l/ constitui o segundo elemento em grupos consonânticos, mesmo em contextos sócio-históricos onde não houve contato entre falantes de línguas ibéricas e africanas (Alkmim 2006; Alvarez Nazario 1961; Amaral 1982 [1920]; Bagno 1999; Bonvini 2000; Coelho 1967 [1880-86]; Coll 2010; Costa 2007; Fontanella de Weinberg 1984, 1987; Hualde et al. 2001; Ilari 1997; Giese 1932; Holm 1992; Lipski 2005, 2007, 2009; Marroquim 1945; Mello 1996; Naro e Scherre 2007; Ortiz López 1999; Parkvall 2000; Raimundo 1933; Silva Neto 1979 [1957], 1960; Silveira Bueno 1954; Teyssier 1990 [1980]; Vasconcellos 1883a, 1883b, 1901).

A presença histórica do rotacismo é evidente em variedades europeias de espanhol e português (Entwistle 1962; Lapesa 1986; Alves 1965; Montero Curiel 1998; Naro e Scherre 2007, Teyssier 1990 [1980]; Williams 1938).

No Brasil, um estudo variacionista sobre o rotacismo, realizado recentemente, conclui que o contexto de ataque silábico complexo que possui como primeiro elemento uma consoante sonora favorece a troca /l/ > /r/ (Costa 2007). Essa tendência não sustenta uma explicação baseada no contato linguístico já que se observava da mesma forma na evolução do latim ao português onde temos, por exemplo, o português *brando* do latim *blandum*, que em espanhol é *blando* (Williams 1938:62-63). Note-se igualmente que, de uma perspectiva diacrônica, a neutralização dessas consoantes em posição implosiva não é rara na Península Ibérica (nem nas línguas do mundo, ver Rice 2005: 34). Menéndez Pidal explica que a neutralização de /r/ e /l/ implosivas foi registrada entre os mozárabes de Toledo no século XII, conforme um documento de 1161 onde se menciona um tal Pedro Alvarez > *Petro Arbarez* (Menéndez Pidal 1929: 458).

Bueno (1954: 223) propõe que a mudança /l/ > /r/ observada no Brasil como em cavalo > *cabaro* se explica a partir da influência do tupi, que não possuía /l/, enquanto Vasconcellos (1883: 461) nega que seja por influência

dessa língua indígena, argumentando que o fenômeno já tinha sido documentado em Portugal. Mais tarde o mesmo autor irá propor uma origem no contato com línguas africanas ao destacar a analogia com as mudanças observadas em vocábulos de origem portuguesa no quimbundo como limão>*rimá* (Vasconcellos 1901: 159).

É justamente em posição inicial de palavra (como em limão>*rimá*) que a troca /l/ > /r/ chama a atenção, sendo que não foram encontrados exemplos nessa posição em fontes europeias – fora os casos de representações literárias da fala de personagens negros que residiam na Espanha (ver, por exemplo, Leturio 1989: 325; Lispki 2005: 218; Santos Morillo 2010: 212-216). Observe-se ainda que Leturio, que inclui uma série de exemplos da troca em posição inicial como lágrima>*rágrima*, la>*ra*, lo>*ro*, afirma que a troca /r/ > /l/ é igualmente frequente na fala de personagens que não são africanos, mas que nesses casos só ocorre em grupos consonânticos (Leturio 1989: 325). Cabe aqui lembrar que os africanos presentes na Espanha, no período no qual as fontes utilizadas por Leturio (1989) foram escritas, não eram originários da zona banto, mas da região oeste-africana situada entre o Rio Senegal e a atual Nigéria, onde não se falam línguas da família banto.

Nas fontes brasileiras há um número limitado de exemplos de troca na direção /l/ > /r/ em posição inicial, todos registrados no século XIX e citados em Vasconcellos (1883: 526) e Coelho (1967: 164 [1880-1886]): livra>*riva*, leva>*reva*, logo>*rogo*. Os exemplos de Vasconcellos provêm do *Cancioneiro popular brasileiro* de 1879, enquanto Coelho afirma ter ouvido alguns dos versos de onde foram tirados os seus exemplos de um amigo e, segundo seu texto, outros foram copiados de fontes escritas em 1863 e 1869<sup>1</sup>. As fontes não refletem necessariamente a fala de personagens africanos ou afrodescendentes, mas é interessante notar que esse grupo constituía a maioria da população brasileira em 1872, ano no qual se realizou o primeiro censo no Brasil (Conrad 1972; Mussa 1991: 163). Sabe-se ainda que havia nessa época no Brasil um contingente considerável de africanos que falavam português como L2.

Nas fontes uruguaias temos, em posição inicial, linda>*rinda* retirado de um texto de 1877 (uma música de carnaval, Coll 2010) e libre>*ribre*, la>*ra* de uma nota publicada em um jornal afro-uruguaio, provavelmente publicado durante a primeira metade do século XIX (Montaño, 2008: 458). Cabe lembrar que em 1791 Montevideu começou a funcionar como único porto para o ingresso de africanos trazidos de diversas partes da África ao Cone Sul e, a

---

<sup>1</sup> Coelho não fornece a data de publicação de *Notícia sobre a Província de Mato Grosso* de Joaquim Ferreira Moutinho, publicada em São Paulo em 1869.

partir desse momento, aumentava o número de escravos, alcançando seu auge no começo do século XIX no território que atualmente é o Uruguai, onde os africanos e seus descendentes chegaram a constituir um 36 % da população em 1810 (Montaño, 1995: 410; Lipski 2001: 300). Lipski sublinha a “sorprendente inestabilidad de las líquidas finales de sílaba en español rioplatense durante el período en que la presencia bozal era más notable” (Lipski 2001: 296), ou seja, quando ainda havia falantes de espanhol como L2. Atualmente os afrodescendentes uruguaios constituem apenas um 5,9 % da população (Rodríguez, 2004: 272) e a troca /l/ > /r/ assim como outras características que se destacam nas representações da fala de “negros e escravos” na região platina, documentadas durante o século XIX e inícios do século XX, já não se encontram em nenhuma variedade do espanhol regional.

Destacou-se, na seção precedente, a ausência do fonema /r/ em algumas das línguas africanas (sobretudo da família banto). Deve-se então descartar a possibilidade de explicar esta mudança linguística pelo contato com línguas africanas? Acredito que não, já que os dados africanos incluem exemplos de troca /l/ > /r/ embora não sejam numerosos:

Quicongo: cebola > *nsàboora*, palavra > *pàraba* (Bal 1964)

Quimbundo: lição > *risá* (Maia 1964)

Angolar: limão > *rimo* (Rougé, 2004)

Apesar de o /r/ estar ausente nas fontes acima consultadas sobre o quicongo, temos, em alguns dos dialetos dessa língua (Bal 1964, não se especifica quais), exemplos da mudança na direção /l/ > /r/. Sendo que o fonema /r/ existe em algumas das línguas mencionadas, que foi introduzido em outras com os empréstimos lexicais das línguas europeias (pelo menos em quicongo e ewé) e tendo em conta que há variação livre entre /r/ e /l/ ou alternância entre /d/, /r/ e /l/ em algumas das línguas africanas relevantes, não consideramos necessário descartar uma explicação para este fenômeno que destaque a importância do contato com línguas africanas. Encontrou-se um número limitado exemplos africanos em posição intervocálica e inicial de palavra.

Entre os dados sobre a fala de africanos e seus descendentes recolhidos por vários autores no Brasil, destaca-se a presença das formas *sabôra/nsabôra* para *cebola* e *paraba* para *palavra*, idênticas aos exemplos do quicongo fornecidos por Bal (Raimundo 1933: 69; Alkmim e Álvarez López 2009: 43).

### 3.2 /r//rr/>l em variedades afrolatinas

Há exemplos de /r/>l/ em estudos diacrônicos sobre o português e espanhol tanto na Europa como na América Latina (Entwistle 1963; Menéndez Pidal 1929; Williams 1938: 84, 91). Esta troca também aparece em representações orais e escritas da fala de africanos no Brasil, em Portugal e na Espanha (Alkmim 2006; Alkmim e Álvarez 2009: 43; Lipski 2005). Conforme Lipski, tal mudança se deve ao contato com línguas africanas: “By the middle of the seventeenth century the shift /r/>l/ was characteristic of literary *habla de negros*, and was much more frequent than the opposite change” (Lipski 2005: 218). Em algumas variedades latino-americanas, que de fato evoluíram em contato com línguas africanas, o chamado *lambdacismo* não só é frequente como também constitui a norma vernácula, pelo menos em posição final de sílaba:

Respecto a las líquidas, tanto en el español popular suroriental de Cuba, como zonas dominicanas y gran parte de la isoglosa puertorriqueña, la lateralización en posición final de sílaba o palabra representa, a nuestro juicio, la norma hablada en los estilos espontáneos” (Ortiz López 1999: 184)

Entre os dados sobre variedades latino-americanas são abundantes os exemplos de lateralização de vibrantes em posição final de sílaba (Alba 1988; Alkmim 2006; Alvarez Nazario 1961; Coll 2010; Fontanella de Weinberg 1984, 1987; Granda 1994; Green 1997; Holm 1992; Lipski 2005; Mendonça 1933; Naro e Scherre 2007; Ortiz López 1999; Parkvall 2000; Schwegler 1998; Silva Neto 1979 [1957]; Bueno 1954; Vasconcellos 1883a). Naro e Scherre fornecem três exemplos desta troca em posição intervocálica em diferentes dialetos portugueses, argumentando que se explica pela evolução interna da língua (Naro e Scherre 2007: 126). Não obstante, Lipski sublinha que não existem dialetos do espanhol nem do português que substituam /r/ por /l/ de forma *sistemática* (Lipski 2009: 77). Pode-se dizer que, embora os exemplos fornecidos por Naro e Scherre não sejam isolados, também não são sistemáticos. Por outro lado, dado o caráter das fontes utilizadas é muito difícil estabelecer critérios para definir o que seria uma mudança sistemática: Quantos exemplos são necessários? Quantas fontes de quantos autores, regiões e períodos?

Apenas um único exemplo de /r/>l/ em posição inicial foi encontrado nas fontes brasileiras: rapaz>*lapassi*, registrado por Mendonça (1933) – exemplo que aparece em vários estudos sobre o português brasileiro

posteriores a esta fonte como Bueno (1954), Holm (1992), Naro e Scherre (2007). Mendonça explica a mudança destacando o contato com línguas banto, afirmando que “a inexistência do r nas línguas banto originou a substituição do r forte português pela linguodental l ou o seu abrandamento em r fraco” (Mendonça 1933: 65). Bueno, por seu lado, compara os dados sobre lambdacismo com exemplos da linguagem das crianças como cadeira>*cadêla*, cachorro>*tacholo* e a fala de japoneses no Brasil com exemplos como araras>*alala*, Araraquara>*Alalaquala*, interpretando a mudança como um traço que surge no processo de aquisição (Bueno 1954: 223). De fato, existem explicações alternativas para os fenômenos observados por vários autores; neste caso temos argumentos a favor e em contra da explicação pelo contato entre falantes de português e línguas africanas.

Dos países da região do Rio da Prata temos os exemplos Rosario>*losalio* (Fontanella de Weinberg 1987: 62); Rivera>*Livela*, Rosas>*Losas*, robar>*lobal*, que aparecem em uma nota assinada por “Mosambiques, Benguelas, Congos” e publicada na seção “Correspondencia” em um jornal uruguaio no século XIX (*El Constitucional*, 15/12/1842<sup>2</sup>) e responde>*leponde* (Coll 2010) em posição inicial. Green (1997: 110) inclui exemplos do espanhol não-padrão da República Dominicana como respeto>*lepeto*, dar>*lá*, rumbo>*lumba*, sublinhando que esta ‘troca’ em posição inicial de palavra é um dos traços fonológicos mais basiletais desta variedade. Faingold fornece o exemplo remedio>*lemedio* do crioulo palenquero (Faingold 2008: 73).

É interessante notar que não foi possível achar exemplos europeus deste fenômeno em início de palavra. Observa-se igualmente que um dos textos que representa a fala de afro-uruguayos (Álvarez López, 2009) só tem uma ocorrência do fonema /r/, que foi substituído “sistematicamente” por /l/ no resto dos casos. A questão é até que ponto é possível falar de sistematicidade sendo que se trata de apenas um texto, o que poderia, dependendo dos critérios adotados, constituir um exemplo isolado.

Cabe notar ainda que embora este fenômeno continue presente em variedades vernáculas de português brasileiro, não foi possível encontrar exemplos contemporâneos em posição inicial de palavra. Observou-se igualmente que hoje em dia esta troca não acontece, em nenhuma posição, no espanhol falado na zona do Rio da Prata, fato que pode ser relacionado com o peso demográfico da população africana e afrodescendente em diferentes momentos históricos.

Passando aos dados africanos é possível ilustrar esta mudança com os

---

<sup>2</sup> Consultado na Biblioteca Nacional em Montevideú.

seguintes exemplos:

Quicongo: Rosa>*loósa*, Álvaro>*Luvwálu*, América>*Méleka/Medíka*,  
arroz>*lóosu/lozo*, burro>*buru/buulu*, Cristo>*Klisto/ Kídisitu*,  
cruz>*kulúnsi/kluzu/kruzu/kuluzu/kulinzi*, açúcar>*sukadi/nsukali/sukari*<sup>3</sup>  
(Bal 1964)

Quimbundo: relação>*lelasá*, roupa>*lopa*, garrafa>*ngalafa*,  
banheira>*mbanyelu*, enganar>*kunganala*, catraia>*atalaya*, arroz>*luoso*  
(Johnson 1930)

Angolar: roupa>*lôpa*, rato>*latu*, recado>*lekaru*, rainha>*leña*,  
raiva>*leva* (Rougé, 2004)

Forro: rosário>*loze*, arroz>*lôsô*, cristão>*kliston*, cruz>*klusu*,  
garrafa>*galafa*, roupa>*lôpa/lup*, raça>*lasa*, rainha>*leña*, raiva>*leva*,  
rebrantar>*lebenta*, razão>*lazon*, receber>*lesebe*, ralar>*lala* (Rougé,  
2004); resolver>*lozove* (Ferraz, 1987); redoma>*lodoma*, recado>*lekadu*,  
arrumar>*luma*, amarrar>*mala* (Rougé e Schang, 2006)

Kabuverdianu (Santiago): ralar>*lara* (Rougé, 2004)

A maioria dos autores que estudaram este fenômeno em variedades afrolatinas explica sua origem apontando o contato com línguas africanas (ver, por exemplo, Schwegler 1998, Granda 1994, Lipski 2005). Estes exemplos confirmam que a troca /r/ > /l/ está presente em situações onde o contato com línguas africanas, sobretudo da família banto, é indiscutível e aparece exatamente nas mesmas posições nas quais ocorre em variedades afrolatinas; em posição inicial de palavra este fenômeno só aparece em variedades de contato. Observe-se que o fenômeno ocorre também em kabuverdianu, língua que não tem substrato banto.

### 3.3 /d/ > /r/ em variedades afrolatinas

Vasconcellos (1883: 526-527) apresenta alguns exemplos como sentido>*sintiro*, de pressa>*ripressa*, tudo>*turo*, di>*ri*, pode>*pore*, retirados de uma fonte brasileira de 1879, propondo que “talvez o d passasse primeiro por l, transformação que se encontra em latim (ex. lacrima=ant. dacrima etc.)”. Alkmim (2006), Coll (2010), Giese (1932), Montañó (2008) e Teysier (1959) incluem exemplos retirados de representações literárias da fala de negros em

---

<sup>3</sup> Talvez do árabe clássico *sukkar*. Note-se que em suaíli, uma língua da família banto, é *sukadi* (do árabe) (<http://africanlanguages.com/swahili/>).



Portugal, Espanha, Brasil e Uruguai, desde a obra de Gil Vicente até o século XIX (talvez alguns dos exemplos de Coll 2010 sejam da primeira metade do século XX). Álvarez Nazario apresenta exemplos do teatro peninsular, passando pela obra de Sor Juana Inés de la Cruz e fornecendo exemplos em posição intervocálica registrados em Puerto Rico em 1927-28 como *envidia*>*enviria* (Álvarez Nazario 1961: 131). Green (1997) inclui exemplos do espanhol dominicano não-padrão como *digo*>*rigo*, *da*>*ra*, *dia*>*ría*, *donde*>*ronde*, *domingo*>*romingo*, *de*>*re*, *debo*>*rebo*, *dura*>*rura*, *advierto*>*arvierto*, *podia*>*poría*, *viuda*>*viura*, *edad*>*erá*, *todavía*>*toravía*, *cada*>*cara*, *ayuda*>*ayura*, *nada*>*nara*, *modo*>*mor*. É fato que uma grande maioria das ocorrências de /d/ > /r/ aparecem em posição inicial de palavra (precedendo qualquer vogal) e em posição intervocálica.

Granda (1994) menciona que o fenômeno já foi documentado na costa pacífica da Colômbia, em áreas onde predomina a população “negra” na República Dominicana e em territórios africanos, e atribui o traço à realização alveolar do fonema /d/ em línguas como quicongo, quimbundo e iorubá. Embora o mesmo autor negue a existência deste traço em variedades ibéricas, encontram-se exemplos, possivelmente isolados, dessa mudança em estudos diacrônicos realizados na Europa, como no espanhol *lámpara* (do latim *lampada*) ou *seguidilla*>*seguiriya*, *soledades*>*soleares* (Entwistle 1962: 222). Estes foram os únicos exemplos encontrados e seria interessante saber até que ponto a mudança desses fonemas nessa direção é frequente, assim como de que região e época provêm estes dados.

Defendendo a origem africana deste fenômeno, Lipski sublinha a frequência da ocorrência desta troca em variedades afro-hispânicas se comparada com os escassos exemplos registrados em estudos sobre variedades ibéricas: “This feature never came to characterize any major regional variety of Spanish, but was typical of *bozal* Spanish of all levels of fluency” (Lipski 2005: 222). Como no caso da alternância de /r/ e /l/ chama a atenção a presença deste fenômeno em posição inicial de palavra.

Nas fontes relativas aos empréstimos oriundos de línguas romances em quicongo e quimbundo, sobretudo Bal (1964) e Johnson (1930), não foram encontrados exemplos desta “confusão”. Não obstante, há numerosos exemplos do angular:

Angular: *dia*>*ria*, *Deus*>*Rêthu*, *dever*>*rêvê*, *dente*>*retxi*, *de*>*ri*, *dedo*>*reru*, *delgado*>*degaru*, *defeito*>*rêfêtu*, *degradar*>*regera*, *degreto*>*regeru*, *demônio*>*remono*, *dinheiro*>*rêêlu*, *doce*>*rosi*, *direito*>*rêêtu*, *doido*>*rôô*, *dois*>*rô*, *domingo*>*ria ringu*, *doente*>*ruêtxi*,

danar>*rana*, almofada>*nfara*, dar>*ra*, cada>*cara* (Rougé 2004).

Estes exemplos revelam que, no angolar, o fenômeno ocorre tanto em posição inicial de palavra como intervocálica e precede qualquer vogal, assim como nas variedades americanas. Hagemeyer (2009: 8) afirma que o léxico desta língua é “exclusivamente de origem quimbundo”, o que permite identificar um substrato banto específico.

### 3.4 /r/ > /d/ em variedades afrolatinas

Conforme Lipski (2007: 106), esta mudança só foi documentada em algumas comunidades de fala afro-hispana de forte presença banto em Panamá, Colômbia, Peru e Venezuela (Lipski 2007: 95). O fenômeno ocorre em posição intervocálica, precedendo diferentes vogais como *carretera*>*carreteda*, *merece*>*medece*, *varias*>*vadia*, *claro*>*clado* (Lipski 2007: 102). Não se encontraram exemplos desta troca /r/ > /d/ nas fontes analisadas relativas a variedades europeias ou brasileiras, mas encontram-se os seguintes exemplos nos dados africanos:

Quicongo: *Maria*>*Madiya*, *farinha*>*fadína*, *André*>*Ndédi*,  
*Christine*>*Kídísítini*, *Cristo*>*Kídisitu/Klisto*, *Bernard*>*Bédínáadi*,  
*açúcar*>*sukadi/nsukali/sukari*, *América*>*Medíka/Méleka* (Bal 1964)  
Quimbundo: *chouriço*>*dixidisu*, *farinha*>*fadinya*, *gengibre*>*jinjibidi*,  
*cobre*>*kobidi*, *servir*>*xidivila* (Johnson 1930)  
Angolar: *arca*>*adika* (Rougé 2004)  
Crioulo da Guiné Bissau: *cintura*>*cintuda*, *companheiro*>*compañedu*,  
*altura*>*altuda* (Rougé 2004)  
Crioulo da Casamança: *cintura*>*cintuda*, *companheiro*>*compañedu*,  
*costura*>*custuda* (Rougé 2004)

Pode-se observar que há ocorrências de /r/ > /d/ em posição intervocálica e que a troca não ocorre em posição inicial de palavra, o que coincide com as observações feitas em variedades afrolatinas. Nos exemplos africanos o fenômeno parece ser mais frequente e ocorre igualmente em posição de coda silábica e em grupos consonânticos. A presença da troca /r/ > /d/ nos crioulos de Guiné Bissau e Casamança é interessante na medida em que não há nestas línguas substrato banto.

### 3.5 /l/ > /d/ em variedades afrolatinas

Os únicos registros em variedades afrolatinas foram encontrados na obra de Raimundo (1933), que analisa o aporte das línguas africanas na formação do português brasileiro. O autor menciona a “troca do l inicial, seguido de i, em d” como em: *ligeiro* > *dijêro*, *lidar* > *didá*, *ligar/liar* > *diá* (Raimundo 1933: 69). Por outro lado, Fontanella de Weinberg (1984: 439), que examina a confusão de líquidas em documentos escritos na região platina entre os séculos XVI e XVIII, isto é, que não representam necessariamente a fala de africanos e afrodescendentes, apresenta um caso de alternância na direção /l/ > /d/ em coda silábica: *Viedma* > *Vielma*. Temos também o caso do vocábulo *laxare*, do latim, que evolui como *lajare* > *dejar* em espanhol e *leixare* > *deixar* em português (Bassetto 2001: 64-65). De qualquer forma não é uma tendência generalizada nas línguas ibéricas.

Ao examinar as fontes africanas, destacam-se os seguintes exemplos:

Quicongo: *limão* > *dimau*, *veludo* > *vélúulu/vedulu*, *Manuel* > *Manwéedi* (Bal 1964)

Quimbundo: *licença* > *disêsa*, *lição* > *disãu*, *livro* > *divulu* (Maia, 1964), *alferes* > *kadifele*, *bule* > *budi* (Johnson 1930)

Angolar: *limpar* > *dipa* (Rougé 2004)

Kabuverdianu (Santiago): *lidar* > *dida* (Rougé 2004)

Embora os exemplos sejam poucos, observa-se que nos dados africanos e afrobrasileiros a troca se dá em posição pré-vocálica, enquanto o exemplo de Fontanella de Weinberg é um caso de troca do /l/ para /d/ em final de sílaba, seguido por uma consoante. Além disso, constata-se que vários dos exemplos em quicongo e três em quimbundo seguem a regra proposta em Granda (1994) para o quicongo conforme a qual /l/ se transforma em /d/ quando precede a vogal /i/. Porém, não é esse o caso do exemplo quicongo *veludo* > *vedulu*. No que diz respeito ao angolar e ao crioulo da ilha de Santiago, ambos mudam conforme a regra, mas não há substrato banto em Cabo Verde.

### 3.6 /d/ > /l/ em variedades afrolatinas

Fontanella de Weinberg discute a frequente confusão de líquidas e /d/ em representações da linguagem de personagens negros em fontes da região do Rio da Prata, mas sem fazer comentários sobre a direção desse processo, que nos dados de que se dispõe até hoje, sempre é /d/ > /l/ em posição intervocálica

ou inicial de palavra como em podemos>*pulemo*, debemos>*lebemo*, don>*lon* (Fontanella 1987: 62; cf. Coll 2010; Montaña 2008:454). Este fenômeno aparece igualmente na fala de personagens negros no teatro espanhol a partir do século XVI, tanto em posição inicial como intervocálica: medicina>*malasina*, decir>*lesí* (Álvarez Nazario 1961: 132; cf. Santos Morillo 2010: 217).

Para além destas representações da fala de africanos e seus descendentes, temos apenas o exemplo do português antigo fornecido por Vasconcellos: *dacrima* que seria uma forma antiga de *lacrima*> lágrima (Vasconcellos 1883: 526-527) em posição inicial, que pode chegar a ser descartado como um caso isolado. Por outro lado, Entwistle apresenta dois exemplos da mesma mudança, mas em posição de coda silábica, um deles seguido por uma consoante: *advertido*>*alvertío* e *perfidia*>*perfilia* (Entwistle 1962: 222).

Os dados africanos coincidem com os afro-americanos no que diz respeito às posições em que se encontra esta troca:

Quicongo: domingo>*lumiíngu*, escada>*kikáala*, sábado>*nsaabala*,  
veludo>*vélúulu/vedulu* (Bal 1964)

Quimbundo: ferida>*fidila*, parede>*kipalelu*, sobrado>*sabalulu* (Johnson 1930)

Angolar: dor>*lôlô*, doutor>*lôtôlô* (Rougé 2004)

Assim como nas variedades afrolatinas, a troca /d/>/l/ aparece em posição inicial de palavra (pelo menos em quicongo e angolar) e em posição intervocálica (em quimbundo). Esta alternância /d/>/l/ não precede a vogal /i/, o que coincide com a regra proposta por Granda (1994) para o quicongo. Porém, nos dados procedentes do Uruguai, muitas das ocorrências de /d/>/l/ precedem a vogal /i/: *digo*>*ligo*, *lidiando*>*liliandu*, *diputado*>*liputalo*, *descendencia*>*lisendensia*, *cuidate*>*culiate*, *todito*>*tulito* (Coll 2010).

#### 4. Considerações finais

As perguntas formuladas no início deste artigo foram: Quais são os fonemas que se “confundem” e em que posições? Até que ponto essa “confusão” é frequente nas variedades em questão? Ao longo do texto discutiu-se a alternância entre /r/, /l/ e /d/ em diversas direções e posições. Refletiu-se ainda sobre o número de exemplos encontrados e a coincidência dos processos observados em uma série de fontes contrastadas no estudo. Ficou claro que o

estudo da direção da mudança entre fonemas específicos e a posição do fonema que muda é altamente relevante nesta discussão.

Constatou-se que a neutralização de /l/ > /r/ e /r/ > /l/ em ambas as direções é comum em muitas variedades de espanhol e português. Até aqui os dados sustentam a hipótese da deriva interna; em muitos casos a troca se explica, de fato, pela evolução natural das línguas ibéricas. Porém, nos dados analisados este fenômeno só ocorre em posição inicial de palavra em variedades afrolatinas ou na “fala de negros” na literatura peninsular a partir dos séculos XV e XVI. É, portanto, provável que este traço indique que se trata de falantes de variedades de português ou espanhol faladas como L2. Mostrou-se ainda que não se trata necessariamente de um traço de origem banto, já que ocorre em variedades cujos falantes não estiveram em contato com falantes de línguas da família banto. Essa conclusão é importante porque a comparação entre os dados afrolatinos e os dados de diversas línguas da família banto apoia uma explicação baseada no contato com essas línguas.

Observou-se ainda que a alternância /d/ > /r/ e /r/ > /d/ se encontra quase exclusivamente em variedades de contato, onde /r/ > /d/ só ocorre em posição intervocálica e em um número limitado de variedades afrolatinas. Na direção /d/ > /r/, temos exemplos em posição inicial ou intervocálica, uma mudança relativamente comum em variedades afrolatinas. Há também alguns exemplos europeus, mas são representações da “fala de negros” ou casos que podem ser considerados isolados. Observou-se ainda a presença do fenômeno na direção /r/ > /d/ em variedades africanas que não têm substrato banto, mas esse não foi o caso na direção contrária: todos os exemplos africanos de /d/ > /r/ provêm do angular.

No que diz respeito à alternância /l/ > /d/ e /d/ > /l/, só foi possível encontrar três exemplos de /l/ > /d/ em uma fonte brasileira de 1933, o que significa que é possível que seja um registro de português L2. Os poucos exemplos encontrados estão em posição inicial e coincidem com os das variedades africanas, dentre as quais encontramos o kaboverdiano, ou seja, que não podemos afirmar que é um traço originado no contato com uma língua banto. No sentido contrário, /d/ > /l/, a mudança aparece em fontes afro-hispânicas, talvez registros de espanhol L2, e coincide com os dados africanos já que se encontra em posição intervocálica e inicial de palavra. Para esta troca há um único exemplo em posição intervocálica da Andaluzia, que pode ser um exemplo isolado.

Como já foi dito, a confusão poderia ser explicada, em alguns dos casos, através da evolução interna das línguas ibéricas, a partir da presença do mesmo fenômeno em dialetos documentados na Europa a partir do século XVI.

O principal argumento para descartar a explicação pelo contato com línguas africanas é a presença sistemática de um traço linguístico em dados coletados em regiões (sobretudo na Europa) onde não houve contato com línguas africanas ou a ausência da característica em questão nas línguas africanas consideradas relevantes. No entanto, os dados europeus de que se dispõe, mostram que a alternância só foi sistemática em algumas direções e posições e não em outras. Sugeriu-se ainda que alguns dos exemplos encontrados em estudos sobre variedades peninsulares podem ser casos isolados; seria preciso analisar um corpus ibérico mais extenso de forma sistemática para verificar essa hipótese.

No que diz respeito às variedades afrolatinas, o contato linguístico foi, necessariamente, um dos fatores principais na evolução das mesmas. Nessas variedades, os mecanismos universais podem atuar com mais força porque muitas tendências universais observadas nas línguas iberorromânicas podem ser reforçadas pela presença de mecanismos análogos nas línguas africanas. A “troca” de consoantes em posição implosiva, bastante frequente nos dados analisados, explica-se facilmente a partir de tendências universais igualmente observadas nas línguas iberorromânicas.

Os argumentos a favor da explicação pelo contato com línguas africanas são: a frequência ou sistematicidade da “confusão” em variedades faladas em contextos socio-históricos de forte presença africana e afrodescendente; a presença da “confusão” em direções e posições semelhantes em línguas africanas consideradas relevantes nos contextos socio-históricos em questão; a presença da mesma “confusão” em formas e posições análogas em empréstimos de línguas românicas em línguas africanas.

Um resultado interessante é que a presença de /l/ > /d/ e /r/ > /l/ em posição inicial de palavra e /r/ > /d/ em posição intervocálica nos crioulos de base lexical portuguesa sem substrato banto (Guiné Bissau, Casamança, Cabo Verde) serve para questionar explicações que se limitam ao contato com línguas da família banto. Sublinhou-se a presença a troca /r/ > /l/ e /l/ < /d/ em posição inicial e /r/ > /d/ em posição intervocálica em vocábulos de origem portuguesa em crioulos de base lexical portuguesa que não têm substrato banto. Será que estes dados permitem descartar a explicação ao contato com línguas da família banto? Os dados indicam que o contato com línguas da família banto pode não explicar algumas mudanças que estão presentes, por exemplo, no crioulo de Cabo Verde, mas a questão é se explicam a troca /l/ > /r/, /d/ > /r/ e /d/ > /l/ em posição inicial que só se encontra em variedades afrolatinas.

A partir destas reflexões, considera-se que este fenômeno merece ser estudado de forma mais detalhada para confirmar as tendências observadas.

Tendo em conta o caráter dos dados utilizados, não é possível analisar os dados com métodos quantitativos para poder mostrar tendências de forma mais sistemática. Por isso, seria necessário consultar um corpus mais extenso e incluir fontes tanto sobre a alternância entre /r/ /l/ e /d/ em um número maior de línguas africanas consideradas relevantes nos contextos sociolinguísticos afro-americanos, como em empréstimos de português em línguas crioulas e de línguas românicas nas línguas africanas. O saramacano, por exemplo, tem substratos banto e gbe e apresenta os seguintes exemplos de empréstimos do português: *terra*>*téla*, *rio*>*líó*, *arriba*>*liba*, *rabo*>*lábu*, *roncar*>*lonká*, *rolar*>*lolá* (Good 2009). No crioulo/pidgin de base lexical portuguesa de Macau do século XVIII, temos o exemplo *rua*>*lou-á* (Baxter 2009: 283), onde o contato com o chinês explica a lateralização do /r/ português. Ambos os exemplos apoiam a interpretação das mudanças observadas como o resultado de situações de contato linguístico.

## Bibliografia

- Alba, Orlando. 1988. Estudio sociolingüístico de la variación de las líquidas finales de palabra en el español cibaeno. In Robert Hammond & Melvyn C. Resnick (eds.), *Studies in Caribbean Spanish Dialectology*, 1-12. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Alkmim, Tânia. 2006. Um estudo da representação da fala dos negros e escravos no Brasil e em Portugal. Comunicação apresentada no *Congresso da Associação de Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola (ACBLPE)*, 28-30 de junho de 2006, Coimbra.
- Alkmim, Tânia. 2001. A variedade linguística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. In Rosa Virginia Mattos e Silva (org.), *Para história do português brasileiro*, 317-335. São Paulo: Humanitas/FFCH-USP.
- Alkmim, Tânia & Laura Álvarez López. 2009. Registros da escravidão: as falas de pretos-velhos e de Pai João. *Stockholm Review of Latin American Studies* 4. 37-48.
- Álvarez López, Laura. 2008. Fontes escritas como documentação do português falado por africanos e afrodescendentes no Brasil. In Carlos Alexandre Gonçalves & Maria Lúcia Leitão de Almeida (eds.), *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*, 287-302. Rio de Janeiro: AILP/Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Álvarez López, Laura. 2009. 'Canto patriótico de los negros': registro de una práctica lingüística afro-uruguaya. *Revista de la Academia Nacional de Letras* 6-7. 137-166.
- Álvarez Nazario, Manuel. 1961. *El elemento afronegroide en el español de Puerto Rico. Contribución al estudio del negro en América*. San Juan: Instituto de cultura puertorriqueña.
- Alves, Joana Lopes. 1965. *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.
- Amaral, Amadeu. 1982 [1920]. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Editora Huitec.

- Angenot, Geralda de Lima Vitor. 2007. Etymologies afro-bresiliennes abracadabrantes sous la mire de la naturalité phonologique. In Jean-Pierre Angenot, , Luis Beltrán & Marco Antônio D. Teixeira (orgs.), *Os iberoamericanos de origem bantu e as línguas bantu. Atas do workshop internacional sobre a procedência poliética dos afroiberoamericanos de origem bantu: evidências etimológicas e históricas*, 9-13. São Carlos: Pedro e João Editores.
- Bagno, Marcos. 1999. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. São Paulo: Editora Loyola.
- Bal, Willy. 1964. Emprunts romans en kiNtandu, dialecte kiKongo. In Jean Renson (ed.), *Mélanges de linguistique romane et de philologie médiévale offerts à M. Maurice Delbouille*, 47-64. Gembloux: Éditions J. Duculot.
- Baptista, Marlyse. 2006. When substrate meet superstrate: The case of Cape Verdean Creole. In Jür Lang, John Holm, Jean-Louis Rougé & Maria João Soares (eds), *Cabo Verde: Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, 91-116. Tübingen: Günter Narr Verlag.
- Bassetto, Bruno Fregni. 2001. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Baxter, Alan. 2009. O português em Macau. In Ana Maria Carvalho (ed.), *Português em Contato*, 277-312. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert.
- Bentley, William H. 1887. *Dictionary and grammar of the Kongo language as spoken in San Salvador, the ancient capital of the old Kongo Empire, West Africa*. London: Baptist Missionary Society/Trübner & Co.
- Bonvini, Emilio. 2000. Les langues des ‘Pretos Velhos’ (Vieux Noirs) au Brésil: Un créole à base portugaise d’origine africaine? *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t. XCV, fasc.1. 389-416.
- Bonvini, Emilio. 2007. Línguas africanas e português falado no Brasil. In José Luiz Fiorin, & Margarida Petter (eds.), *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, 15-62. São Paulo: Editora Contexto.
- Bowen, T. J. 1848. *Grammar and dictionary of the Yoruba language: with an introductory description of the country and people of Yoruba*. Washington: Smithsonian.
- Bueno, Francisco da Silveira. 1954. Influência das línguas africanas no português do Brasil. *Jornal de Filologia* 2(3). 217-31.
- Capo, Hounkpati B. C. 1991. *A Comparative Phonology of Gbe*. Berlin/New York: Foris Publications.
- Castro, Yeda Pessoa de. 2001. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Chatelain, Héli. 1888-89. *Kimbundu grammar: Grammatica elementar de Kimbundu ou língua de Angola*. Genebra.
- Clements, Clancy. 2010. The fate of the Middle Portuguese Rhotics in Korlai Creole Portuguese and other Portuguese-based Creoles. Comunicação apresentada na *Congresso da Associação de Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola (ACBLPE)*, Campus CNRS de Villejuif, Paris, 1-3 de julho de 2010.
- Coelho, Adolpho. 1967 [1880-86]. Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In Jorge Morais Barbosa (ed.), *Crioulos*. [Reedição de artigos publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*], 1-234. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Coll, Magdalena. 2010. *El habla de los esclavos africanos y sus descendientes en Montevideo en los siglos XVIII y XIX: representación y realidad*. Montevideo: Academia Nacional de Letras.



- Conrad, Robert. 1972. *The Destruction of Brazilian slavery*. Berkeley: University of California Press.
- Costa, Luciane Trennephol da. 2007. Análise variacionista do rotacismo. *Revista virtual de estudos da linguagem (ReVEL)* 5(9). <http://www.revel.inf.br/> (20/05/2009).
- Dias, Pedro. 1697. *Arte da lingua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. Do Rosario, Mãe, & Senhora dos mesmos Pretos*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- Entwistle, William D. 1962. *The Spanish language together with Portuguese, Catalan and Basque*. 2 ed. London: Faber.
- Faingold, Eduardo D. 2008. *The development of phonology in Spanish and Portuguese*. Muenchen: LINCOM.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1979. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1987. The liquid in the Gulf of Guinea Creoles. *African Studies* 46(2). 287-295.
- Fodor, István. 1983. *Introduction to the history of Umbundu: L. Magyar's records (1859) and the later sources*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- Fontanella de Weinberg, María Beatriz. 1984. Confusión de líquidas en español rioplatense (siglos XVI a XVIII). *Romance Philology* XXXVII: 4. 432-445.
- Fontanella de Weinberg, María Beatriz. 1987. Variedades lingüísticas usadas por la población negra rioplatense. *Anuario de lingüística hispánica* 3. 55-66.
- Gise, Wilhelm. 1932. Nota sobre a fala dos negros em Lisboa no Princípio do século XVI. *Revista Lusitana* XXX. 251-257.
- Good, Jeff. 2009. Loanwords in Saramaccan. In Martin Haspelmath & Uri Tadmor (eds.), *Loanwords in the world's languages: A comparative handbook*, 918-943. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Granda, Germán de. 1994. *Español de América, español de África y hablas criollas hispánicas*. Madrid: Gredos.
- Green, Katherine. 1997. *Non-standard Dominican Spanish: evidence of partial restructuring*. Tese de doutorado, City University of New York.
- Hagemeyer, Tjerk. 2009. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 1(1). 1-27.
- Holm, John. 1992. Popular Brazilian Portuguese: a Semi-Creole. In Ernesto D'Andrade & Alain Kihm (eds.), *Atas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, 37-66. Lisboa: Colibri.
- Hualde, Ignacio, Antxon Olarrea & Anna María Escobar. 2001. *Introducción a la lingüística hispánica*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnson, Amandus. 1930. *Mbundo (Kimbundu) English-Portuguese dictionary with grammar and syntax*. Philadelphia: The International Printing Company.
- Laman, Karl. 1912. *Lärobok i Kongospråket (Kikongo)*. Stockholm: Svenska Missionsförbundet.
- Lapesa, Rafael. 1986. *Historia de la lengua española*. Madrid: Editorial Gredos.
- Lefebvre, Claire & Anne-Marie Brousseau. 2002. *A grammar of Fongbe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Leturio, Consolación Baranda. 1989. Las hablas de negros. Orígenes de un personaje literario. *Revista de Filología Española* LXIX. 310-333.
- Lipski, John. 1988. Contactos hispano-africanos en el África ecuatorial y su importancia para la fonética del Caribe hispánico. In Robert Hammond & Melvyn C. Resnick (eds.),

- Studies in Caribbean Spanish Dialectology*, 50-65. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Lipski, John. 2001. Panorama del lenguaje afrorioplatense: vías de evolución fonética. *Anuario de lingüística hispánica* 14. 281-315.
- Lipski, John. 2005. *A history of Afro-Hispanic language: five centuries, five continents*. New York: Cambridge University Press.
- Lipski, John. 2007. El cambio /r/ > /d/ en el habla afrohispanica: ¿un rasgo fonético congo? *Boletín de lingüística* XIX: 27. 94-114.
- Lipski, John. 2009. *Afro-Bolivian Spanish*. Madrid: Iberoamericana. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Maia, António da Silva. 1964. *Dicionário complementar português-kimbundu-kikongo (línguas nativas do centro e norte de Angola)*. Cucajães: Editorial Missões.
- Megenney, William. 1999. *Aspectos del lenguaje afronegroide en Venezuela*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Meinhof, Carl. 1932. *Introduction to the phonology of the Bantu languages*. Berlin: Dietrich reamer/Ernst Vohsen.
- Mello, Heliana. 1996. *The genesis and development of Brazilian Venacular Portuguese*. New York: City University of New York, dissertação. Ann Arbor: University Microfilms International.
- Mendonça, Renato. 1973 [1933]. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Menéndez Pidal, Ramón. 1929. *Manual de gramática histórica española*. 5ª ed. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez.
- Mingas, Amélia. 2000. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.
- Montaño, Óscar, D. 1995. Los afro-orientales. Breve reseña del aporte africano en la formación de la población uruguayo. In Luz María Martínez Montiel (ed.), *Presencia africana en Sudamérica*, 391-448. México, D.F.: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.
- Montaño, Óscar, D. 2008. *Historia Afrouruguayo*. Tomo I. 2ª ed. Montevideo: Mastergraf.
- Montero Curiel, Pilar. 1998. La dialectología precientífica en Extremadura. *Anuario de Estudios Filológicos* XXI. 257-276.
- Mussa, Alberto B. Neves. 1991. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Naro, Anthony & Maria Marta Pereira Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Ortiz López, Luis A. 1999. El español haitiano en Cuba y su relación con el habla bozal. In Klaus Zimmermann (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, 177-203. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Ortiz, Fernando. 1990 [1924]. *Glosario de afronegrismos*. 2ª ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.
- Parès, Luis Nicolau. 2006. *A formação do Candomblé. História e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Parkvall, Mikael. 2000. *Out of Africa. African influences in Atlantic Creoles*. London: Battlebridge Publications.
- Raimundo, Jacques. 1933. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença Editora.

- Révah, Israel S. 1963. La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien. *Romania* 84. 433-450.
- Ribeiro, João. 1939 [1888-89]. *O elemento negro. História – Folklore – Lingüística*. Rio de Janeiro: Record.
- Rice, Keren. 2005. Liquid relationships. *Toronto Working Papers in Linguistics* 24(31). 31-44.
- Rodríguez, Romero. 2004. El racismo y los derechos humanos en el Uruguay. *Memoria del simposio 'La Ruta del Esclavo en el Río de la Plata: su historia y sus consecuencias'*, 259-283. Montevideo: UNESCO.  
<http://www.unesco.org.uy/cultura/libros/rutadelesclavo-web.pdf> (20/11/2006).
- Rougé, Jean-Louis e Emmanuel Schang. 2006. The origin of the liquid consonant in Saotomense Creole. In Parth Bhatt & Ingo Plag (eds.), *The Structure of Creole Words. Segmental Syllabic and Morphological Aspects*, 25-37. Tübingen: Niemeyer.
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Santos Morillo, Antonio. 2010. *¿Quién te lo vezó a dezir? El habla de negro en la literatura del XVI, imitación de una realidad lingüística*. Sevilla: Universidad de Sevilla, dissertação.
- Schwegler, Armin. 1998. El Palenquero. Em Perl, Matthias & Armin Schwegler (eds.), *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, 218-291. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Silva Neto, Serafim da. 1960. *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Silva Neto, Serafim da. 1979 [1952-54]. *História da língua portuguesa*. 3a ed. Rio de Janeiro: Presença.
- Teyssier, Paul. 1959. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- Teyssier, Paul. 1990 [1980]. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Vasconcellos, José Leite de. 1883a. Tradições populares e dialecto do Brazil. *Revista de Estudos Livres* 1. 459-473.
- Vasconcellos, José Leite de. 1883b. Tradições populares e dialecto do Brazil. *Revista de Estudos Livres* 1. 525-528.
- Vasconcellos, José Leite de. 1901. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud.
- Williams, Edwin B. 1938. *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.